

A TRAJETÓRIA ESCOLAR DO JOVEM E O SEU ACESSO AO MERCADO DE TRABALHO

WIEDERKEHR, Alessandra Helena* – PUC-PR

GT-14: Sociologia da Educação

Neste início de século, se vive um momento de grandes contradições do capitalismo contemporâneo. De um ponto, assiste-se a um grande desenvolvimento das forças produtivas e, de outro, um elevado índice de desemprego no Brasil. Neste contexto, milhões de indivíduos estão excluídos do ciclo produtivo, estando entre eles os jovens.

No Brasil, segundo Pochmann (2000), existem razões para que o jovem perca a esperança de ter um trabalho que propicie a ele uma vida com melhores condições de viver do que seus pais tinham, como o enfraquecimento da expectativa de sucesso, a pobreza, o analfabetismo e a violência, bem como as dificuldades decorrentes da economia nacional. Independente das causas, a situação do jovem brasileiro, no que se refere às suas expectativas de ingresso no mercado de trabalho formal, é preocupante.

Dada a situação apresentada, um município de um estado Brasileiro mantém uma instituição que desenvolve um programa que visa inserir jovens com renda *per capita* de, até, meio salário mínimo, acima de 16 anos e abaixo de 18 anos no mercado de trabalho legal, com Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS), assinada pelo empregador e registrada no Ministério do Trabalho. Para a inserção, os jovens são entrevistados pelo empregador, na maioria dos casos, o próprio empresário, sendo, às vezes, a entrevista realizada pelo profissional responsável pelo setor de Recursos Humanos da empresa. Uma consulta às fichas cadastrais do referido programa, referente ao período de janeiro a julho de 2007, permitiu constatar que, de 48 jovens submetidos à entrevista, 25 passaram na 1ª e 23 participaram de várias, que variaram de 3 a 14, sendo reprovados em todas.

Analisaram-se, então, as informações referentes à trajetória escolar desses 48 jovens e se fez a constatação que os que foram aprovados na 1ª entrevista apresentavam trajetória escolar linear, ou seja, sem interrupção alguma, enquanto os que não foram aprovados nas entrevistas apresentavam uma trajetória com várias repetições escolares.

* Grupo de pesquisa: História e Política da Educação e a Formação de Professores da Pontifícia Universidade Católica do Paraná do Curso de Pós-Graduação em Doutorado em Educação sendo o Orientador Professor Doutor Lindomar W. Boneti.

Do contexto exposto surgiu o estudo aqui apresentado, que teve como objetivo analisar se os fatores educacionais dificultam e/ou impedem a inserção do jovem no mercado de trabalho. Para tanto, realizou-se uma pesquisa de cunho qualitativo, que teve como instrumento de coleta de dados a entrevista semi-estruturada, aplicada a 5 empresários da referida cidade que realizam as entrevistas com os jovens participantes do citado programa com o intuito de inseri-los como funcionários em suas empresas. Os empresários receberam os nomes fictícios de Félix, Frida, Ângela, Marcos e Lena.

Iniciou-se a entrevista com o empresário Félix questionando quais seriam os aspectos que um jovem deve possuir para ser aprovado na entrevista e se inserir em seu escritório para trabalhar. Ele respondeu que são fatores que se somam uns aos outros. Disse:

“[...] tem que demonstrar interesse e vontade de trabalhar [...] ter a letra legível. Este, sim, é primordial; para mim, tem que ter letra boa, demonstra capricho e ser organizado em sua vida pessoal. Mas a aparência só entra como fator de decisão em caso de empate, pois este jovem vai lidar com o público”.

Os fatores apontados pelo empresário apresentam-se como garantia da reprodução das desigualdades sociais, em consonância com o que afirma Nogueira (2004, p. 87):

A reprodução de desigualdades sociais seria garantida pelo simples fato de que os alunos que dominam, por sua origem, os códigos necessários à decodificação e assimilação da cultura escolar e que, em função disso, tenderiam a alcançar o êxito escolar, seriam aqueles pertencentes às classes dominantes.

Com a importância dada pelo empresário à aparência, no caso de desempate, os jovens das camadas populares, têm, por homologia a outros campos simbólicos, o que os exclui, independente dos projetos e expectativas individuais, pois a aparência desponta como fator de escolha. Na fala do empresário, percebeu-se que existe uma lógica de seleção.

Posteriormente, questionou-se em relação aos aspectos negativos que levariam o jovem entrevistado a não passar na entrevista. O empresário fez menção à letra ilegível e à falta de organização ao escrever, mas teve como argumento central dissimular o estigma da aparência. Os diferentes jovens seriam selecionados pela maneira de se vestirem ou pela aparência física. A entrevista cumpre, assim, simultaneamente, sua função de reprodução e legitimação das desigualdades sociais.

O empresário esclareceu que viu

“[...] adolescentes mascando chicletes e sentados de forma irregularmente sobre a cadeira. Depois, na entrevista, revelam ter receio de trabalhar e estudar e, para mim, tem que conseguir, não parar os estudos”.

Indagou-se, então, se a trajetória escolar seria avaliada, e ele afirmou:

“Sim. Não é importante saber se ele é repetente ou não, mas posso perceber isto só no diálogo e pedindo para que escreva algo. Percebo que falta estímulo desde cedo dos familiares, pois a escola prepara o jovem para o futuro. [...] um bom aluno que escreve dentro dos limites será um bom funcionário.”

O empresário, além de responder afirmativamente sobre a avaliação da trajetória escolar do jovem entrevistado, declarou que este aspecto é perceptível na conversa e na escrita e que escrever “dentro dos limites” é prenúncio de ser “bom funcionário”. Com isto sugere que se o jovem tiver um histórico escolar marcado pela repetência, não escreverá “dentro dos limites” e não “será bom funcionário”, o que significa que não será aprovado na entrevista.

A resposta dada pelo empresário Félix demonstra que o processo de entrada dos jovens no mercado vem exigindo que se perceba que eles mesmos fiquem alerta para as questões da trajetória escolar, pois esta exigência, por sua vez, tem servido de estímulo para que se intensifiquem estudos sobre a repetência escolar. Destaca-se a importância de levar em consideração os efeitos da ordem moral doméstica no desempenho escolar. Nesta direção, encontram-se os dizeres do empresário Félix quanto a faltar *“estímulo desde cedo dos familiares”*.

Quanto à empresária Frida, questionada sobre quais seriam os aspectos positivos observados nos jovens entrevistados, a mesma relatou que a desenvoltura no falar é um aspecto observado desde o momento em que o jovem entra na empresa. Ela observa se ele cumprimenta os funcionários e se revela interesse pela função que desempenhará. Considera positivo o asseio corporal e a aparência de higiene nas mãos, visto que será balconista, preenchendo os pedidos à vista do cliente.

Com relação aos aspectos negativos, afirmou:

“A aparência é essencial e transmite credibilidade, não contratamos meninos adolescentes com cabelos compridos, piercing ou uso de boné.”

Nas meninas, observa se a blusa cobre a barriga, se o decote é em demasia, se

utiliza muita maquiagem e bijuterias chamativas. Explicou que

“[...] nossos clientes são exigentes [...] nem adianta tentarmos abrir vaga a um jovem de cor, a empresa não tem preconceito algum, mas os clientes não acreditam e pedem para ser atendido por outro funcionário. Um aspecto que dificulta a ser contratado por esta empresa é a letra ilegível ou com vários erros ortográficos e gramaticais”.

Constata-se que, para a empresária Frida, a aparência é um dos fatores analisados na escolha do jovem que ingressará na empresa, da mesma forma que é um critério de desempate para o empresário Félix.

Questionou-se a entrevistada se a trajetória escolar é um item avaliado na entrevista e obteve-se a seguinte resposta:

“Sim, pois ainda acredito que a escola incute as responsabilidades necessárias a um bom trabalhador, ou seja, se ele aceita a autoridade do professor, aceitará mais facilmente ser um funcionário que segue as regras de sua empresa.”

É perceptível, nas palavras da empresária, certa semelhança com a concepção do empresário Félix: assim como Félix concebe *“que um bom aluno que escreve dentro dos limites será um bom funcionário”*, Frida concebe que o trabalhador que *“aceita a autoridade do professor, aceitará mais facilmente ser um funcionário que segue as regras de sua empresa.”* Ao terem estas concepções, ambos os empresários – Félix e Frida – reproduzem o mesmo pensamento pois acreditam que a autoridade do professor é simétrica ao do empresário.

A empresária Frida também culpa a escola, sugerindo que seu sistema é o responsável pela letra ilegível e erros gráficos e gramaticais dos jovens e, conseqüentemente, pela não-inserção dos mesmos no mercado de trabalho. Percebe-se relação deste comportamento da empresária no momento da entrevista com o pensamento de Bourdieu (1997, p. 704), para quem

Oferecendo-lhe uma situação de comunicação completamente excepcional, livre dos constrangimentos, principalmente temporais, que pesam sobre a maior parte das trocas cotidianas e abrindo-lhe alternativas que o incitam ou o autorizam a exprimir mal-estares, faltas ou necessidades que ele descobre exprimindo-os, o pesquisador contribui para criar as condições de aparecimento de um discurso extraordinário, que poderia nunca ter tido e que, todavia, já estava lá, esperando suas condições de atualização.

No sentido externado por Bourdieu (1997), a empresária se sentiu autorizada a exprimir sua visão sobre a escola.

No que se refere à empresária Ângela, solicitou-se que descrevesse os aspectos positivos que um candidato deve ter:

“A parte de comportamento, se ele demonstra interesse, ‘eu quero ficar, eu estou buscando’, nós percebemos isto na pessoa. A forma de se expressar verbalmente, em menores de 18 anos onde avaliamos a expectativa para o futuro. Se diz: ‘ah, no futuro vou ver no que dá’, já sabemos, lá dentro ele vai ter dificuldade. Se perguntamos para alguns e ele responde: ‘Ah... eu tenho meu futuro planejado, quero cursar uma universidade’, esse é um ponto positivo.”

Em relação aos jovens, Ângela deixa claro que é importante a demonstração de interesse, a forma de se expressar verbalmente e o fato de ter algo planejado para o futuro, como cursar uma universidade. Percebe-se que o posicionamento de Ângela no que se refere ao interesse e à expressão verbal do jovem vai ao encontro do que expuseram os empresários Félix e Frida quando responderam ao mesmo questionamento.

Além do exposto, disse Ângela que

“Estamos com um projeto de sensibilização para concentrar os funcionários a estudar e conversamos individualmente a fim de que todos participem. Com mais escolaridade se amplia a visão, amplia o conhecimento e o funcionário sente-se melhor, mais valorizado, assim a trajetória escolar é um aspecto valorizado e incentivamos que ocorra o retorno à escola.”

As palavras de Ângela revelam a importância conferida por ela e pela empresa ao estudo. Entretanto, esclareceu que

“O adolescente é também responsável, por seu futuro e, muitas vezes, ele tem que aprender a lidar com os problemas que tem na sua vida, aprender a sair do imaginário e vir para a prática. Por isso, no RH, podemos ler nas entrelinhas na escolha profissional”.

Sobre a trajetória escolar ser um item de avaliação para o ingresso do jovem na empresa, Ângela respondeu:

*“[...] se ele tem trajetória escolar acidentada, mas tem bom perfil e comportamento, bom potencial, nós o incentivamos através de um compromisso verbal que, se ele for contratado, voltará a estudar. Percebemos que se o adolescente tem vínculo com o estudo, ele amplia o horizonte, onde, no cotidiano da empresa, percebemos que a **escola complementa a vida**, pois os jovens almejam produzir”.* (Grifo nosso)

Enguita (1989, p. 150) endossa as palavras de Ângela ao afirmar que

[...] Os hábitos de obediência e docilidade engendrados na sala de aula têm um alto valor de retorno em outros contextos. No que concerne à sua estrutura de poder, as salas de aula não se diferenciam muito das fábricas ou das oficinas,

estas onipresentes organizações em que se gasta uma parte tão grande de nossa vida adulta. Portanto, pode realmente dizer-se da **escola que é uma preparação para a vida**. (Grifo nosso)

Entende-se que, para Ângela, a trajetória escolar não-linear, por si só, não é motivo para a não-contratação do jovem, pois se este possuir bom perfil, comportamento e potencial, bem como demonstrar interesse, poderá ser contratado.

Para Ângela, o jovem precisa pensar:

“Tô evoluindo, então se quero promoção na empresa, eu vou estudar’. Se o adolescente tem bom comportamento, é visível que ele está vinculado na escola e compreendemos os motivos justificáveis para que sua trajetória escolar seja acidentada, como doença ou mudança de cidade, mas se for por desinteresse, daí fica difícil acreditar que será um bom funcionário. [...] É mais valorizado o que não parou de estudar, e avaliamos cada caso; a busca de atualização na área profissional e a sua visão de mundo”.

A entrevistada concluiu dizendo:

“Percebemos que o incentivo dos pais no iniciar da escola é essencial à criança para que, na adolescência, se desenvolva, e os professores também têm esta responsabilidade e a parceria entre família e escola são fundamentais.”

Ao final da entrevista com Ângela, constatou-se que a empresária fez quatro pontuações que se consideram relevantes: a) a empresa incentiva o jovem a estudar, sendo que (b) esse jovem precisa querer e se esforçar em relação ao futuro, bem como (c) os pais devem incentivar seus filhos e (d) os professores devem assumir sua responsabilidade em relação a isso. Em outras palavras, Ângela sugere que é fundamental a parceria família e escola, como também a boa vontade da empresa e o esforço do jovem.

O entrevistado Marcos, gerente do setor de Recursos Humanos da empresa na qual trabalha, com relação dos aspectos positivos que os jovens devem apresentar, relatou como primeira fase:

“A aparência é um dos mais importantes itens e, depois, analiso o preenchimento da ficha, se existem erros e se escrever algo errado, se o adolescente rasura sua escrita. Depois questionamos sua expectativa com relação ao futuro e se se imagina trabalhando nesta empresa. Todas as respostas farão com que o escolhido seja alguém com metas a serem alcançadas, visto que aqui não podemos nos acomodar, e o adolescente deve transparecer o desejo de continuar a estudar continuamente [...] já na primeira entrevista, o adolescente tem que demonstrar vontade de aprender”.

No que se refere aos aspectos positivos para a contratação do jovem, Marcos se

referiu à aparência, a escrever corretamente e a demonstrar desejo de estudar e vontade de aprender com outros membros da empresa. Pode-se afirmar que os aspectos apresentados por Marcos como positivos coadunam com aspectos já mencionados pelos empresários Félix, Frida e Ângela.

Como aspectos negativos, Marcos apontou:

“A letra ilegível, mentir na entrevista, perceber que o adolescente não gosta de ler, se for desleixado com o corpo e se reprovou muitas vezes”.

Semelhante aos aspectos positivos, Marcos citou a letra legível e descuido com o corpo, também citados por outros empresários entrevistados como aspectos negativos. Entretanto, também mencionou que a demonstração de que o jovem não gosta de ler e a reprovação muitas vezes são aspectos negativos que impedem ou dificultam a inserção do jovem na empresa em que trabalha.

Perguntou-se se a trajetória escolar é avaliada. O entrevistado assim se expressou:

“A escola inclui a todos, mas o adolescente tem que querer; se nosso funcionário, parou de estudar, ele é incentivado a voltar aos estudos. E na entrevista, percebemos se é possível confiar, que assim que ele for contratado permanecerá com seus estudos. Afinal, a empresa incentiva a estudar. Sendo assim, ninguém sai ileso.”

Marcos esclarece que a trajetória escolar é importante e que a empresa incentiva o estudo, ou a continuação dele, caso tenha sido interrompido, pois escola e trabalho andam juntos:

“A escola começa a formação, oferecendo horários, regras, que tudo culmina no mercado de trabalho; ele é a continuação da escola.”

Compreende-se que a concepção dos entrevistados esteja em consonância com o que diz Enguita (1989, p. 158):

A escola não apenas pretende modelar suas dimensões cognitivas, mas também seu comportamento, seu caráter, sua relação com seu corpo, suas relações mútuas. Propõe-se a organizar seu cérebro, mas no mais amplo sentido: não apenas alimentar um recipiente, mas dar forma ao núcleo de sua pessoa.

A empresária Lena, com relação aos aspectos positivos que um candidato deve possuir, disse que, durante a entrevista, vai perguntando ao jovem qual é o seu grau de instrução, pois, nesta parte,

“Eu percebo se ele tem cabeça para atender aos pedidos dos clientes.”

Avisou que:

“Eu logo vejo que os repetentes têm mais dificuldades de pegar a função, do que se ele está indo na série de acordo com a sua idade. Se a idade e a série escolar estão corretas, eu percebo aí um ponto positivo”.

Ainda em relação aos pontos positivos, Lena esclareceu:

“Pergunto também se já tem alguma experiência. Tem alguns que me dizem que já trabalhava no pesado, e isto para mim é sinal de que ele não vai se assustar com o trabalho.”

Sobre a aparência, relatou:

“Sim! Mas é quase sempre igual, calças caídas, cabelo mal cortado, piercings e tatuagens. Ao meu ver, não são um bom sinal. Então se o jovem vem limpo, e com o cabelo arrumado, eu sinto que ele tem jeito organizado e com higiene. Este é um excelente aspecto para quem vai trabalhar com clientes”.

Em relação aos aspectos negativos, Lena fez as seguintes considerações:

“Eu considero que o ambiente familiar é um dos aspectos que faz com que afaste o candidato da vaga; eu tenho que ver se ele tem alguém responsável por ele; e se não tiver este é um ponto negativo [...] Os jovens de hoje tornaram-se muito duros; eles não ligam para os pais como antigamente. [...] acho um aspecto negativo se percebo que o jovem não tem respeito pelos pais ou pelas figuras que são autoridade, como padres professores e familiares [...]”.

Quando se questionou se a trajetória escolar é um item avaliado pela entrevistada, ela respondeu:

“A escola é tudo; se não vai bem na escola, também não se sairá bem no trabalho. Eu acho que o professor, hoje em dia, faz de tudo pela garotada, seja na escola particular ou na pública. Eu sinto que os jovens exigem que os professores sejam um adulto de referência, com o qual se possa falar”.

Lena sugere que a trajetória é importante, pois afirma que a escola é tudo e que se o jovem não for bem na escola, não se sairá bem no trabalho. Esta visão que Lena tem da escola é praticamente a mesma visão dos entrevistados Félix e Frida, para quem, respectivamente, *“um bom aluno que escreve dentro dos limites será um bom funcionário”* e o trabalhador que *“aceita a autoridade do professor, aceitará mais facilmente ser um funcionário que segue as regras de sua empresa.”*

Para Enguita (1989, p. 168),

O trabalho do professor passa assim a consistir, sobretudo, e contrariamente a qualquer idéia platônica a respeito, em ensinar crianças e jovens a comportar-se da forma que corresponde ao coletivo ou categoria em que foram incluídos, exigindo e premiando a conduta correspondente e rejeitando e mesmo penalizando tudo o que possa derivar de suas outras características como indivíduos ou, ao menos, tudo o que delas possa manifestar-se na escola ou chegar a afetar a relação pedagógica.

No que se refere aos empresários que entrevistam os jovens para inserção no mercado de trabalho, constatou-se que possuem critérios de escolha que se apresentam, nesta pesquisa, com a nomenclatura aspectos positivos e negativos, sintetizados no Quadro 1.

Empresário ou Representante	Aspectos positivos	Aspectos negativos
Félix	Capacidade de dialogar Demonstração de interesse Letra legível Aparência	Maneira de vestir Aparência física Letra ilegível Não ter organização para escrever
Frida	Desenvoltura no falar Revelação de interesse Aparência	Asseio corporal Aparência Higiene das mãos
Ângela	Comportamento Demonstração de interesse Expressão verbal Ter uma meta para sua vida	Desinteresse pela profissionalização por meio do estudo Pais que não incentivam a participação e a frequência na escola
Lena	Idade e série compatíveis Ter alguma experiência Aparência	Ambiente familiar (não ter alguém responsável por ele) Não ter respeito pelos pais ou figuras que são autoridades (professores e familiares)
Marcos	Aparência Escrever corretamente Demonstração do desejo de estudar, de aprender	Letra ilegível Descuido com o corpo Não gostar de ler Repetência escolar

Quadro 1 – Aspectos positivos e negativos observados pelos empresários ou seu representante nas entrevistas para inserção do jovem no mercado de trabalho

A análise do Quadro 1 revela que, entre os aspectos positivos e negativos apontados pelos empresários entrevistados, emerge o papel da família, da escola e do próprio jovem na trajetória escolar. Neste sentido, identificamos, por exemplo, nos aspectos “pais que não incentivam a participação e a frequência na escola” e “ambiente familiar (não ter alguém responsável por ele)”, uma referência ao *habitus* primário, transmitido fundamentalmente pela família; no aspecto “idade e série compatíveis”, uma referência à trajetória escolar linear; nos aspectos “expressão verbal”,

“desenvoltura no falar”, “escrever corretamente”, entre outros, uma referência à escola; e “demonstração de interesse”, “demonstração do desejo de estudar, de aprender”, entre outros, uma referência ao papel do próprio indivíduo em sua inserção no mercado de trabalho.

Das referências mencionadas, ressalta-se aquela feita à escola, tendo em vista que a maioria dos empregadores entrevistados mencionou a importância da trajetória escolar do jovem para a inserção no mercado de trabalho e que os jovens com trajetória não-linear são repetidamente recusados pelos empregadores que os entrevistam. A trajetória escolar não-linear é a perda das referências acumuladas no campo escolar, como os valores e a cultura que sitiavam os jovens no universo da sua caminhada pelos anos na escola.

Para Bourdieu (2004), em termos objetivos, a cultura de cada grupo simboliza as condições de sua existência. Assim, para o autor,

Cultura é essa espécie de saber gratuito, que se adquire em geral numa idade em que ainda não se tem problemas para colocar. Pode-se passar a vida a aumentá-la, cultivando-a por si mesma, ou usá-la como uma espécie de caixa de ferramentas, quase inesgotável (BOURDIEU, 2004, p.43).

Ainda para Bourdieu (2006, p. 7-8), o poder está por toda parte na sociedade, mas o poder pode aparecer de forma camuflada por meio do poder simbólico que, para ele, “é o poder invisível, o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”. As pessoas, afirma Bourdieu (2006), estão conformadas e aceitam que este poder estabeleça a ordem no mundo em que vivem.

O jovem que adentra o mercado de trabalho aceita as condições que lhe são impostas para o andamento das funções da empresa, ou seja, se submete ao poder simbólico exercido pelos sujeitos que o cercam. Nesta direção, Bourdieu (2006, p. 10) afirma que

A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurado uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes); para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções.

Em se tratando da instituição escolar, as suas regras ajudariam na introjeção do

poder simbólico, legitimando a cultura dominante na sociedade. Assim, a vida cotidiana da escola serviria para que fossem aprendidas as estratégias que poderão ser utilizadas no campo do trabalho.

A permanência na escola de forma linear, anos a fio, permite a sutil incorporação das regras do mundo social, que é recheado de símbolos de poder, como, por exemplo, o corpo técnico, como orientadores, supervisores e administradores, e o diretor, fazendo com que o aluno tome consciência das relações de força e poder que existem na sociedade.

Assim, a ação de todo o corpo técnico da escola vai sendo reconhecido e legitimado pelos alunos de forma sutil e não arbitrária, fortalecendo as relações de poder. É bem verdade que as relações de poder estão propensas a se reproduzirem, estabelecendo as hierarquias, nas quais os sistemas simbólicos teriam, em si mesmos, a sustentação para se constituir o poder na sociedade.

Para Bourdieu (2004, p. 164), um título, como o título escolar, é capital simbólico universalmente reconhecido e garantido, válido em todos os mercados. Enquanto definição oficial de uma identidade oficial, ele liberta seu detentor da luta simbólica de todos contra todos, impondo a perspectiva universalmente aprovada. O capital simbólico, segundo Bourdieu (1996, p.107), é uma propriedade qualquer (de qualquer tipo de capital físico, econômico, cultural, social), percebida pelos agentes sociais cujas categorias de percepção são tais que eles podem entendê-las e reconhecê-las atribuindo-lhes valor.

Parece que o jovem, por querer ingressar no trabalho e conseguir a sua legitimidade perante a sociedade, encontra respaldo nas instruções que recebeu ao longo dos anos na escola. É nesse sentido que a sua aprovação ou não diante de uma entrevista tem a correspondência em sua carreira escolar que, para alguns, foi positiva e, para outros, foi dolorosa e negativa. O aluno, diante de uma série de fatores, teve que representar ou atuar em um campo escolar e se utiliza desses conhecimentos para enfrentar a sua inserção na sociedade laborativa. Sendo assim, não apenas nas últimas séries da escola, os alunos deveriam ser preparados para o trabalho, mas esse processo deveria ter início já no jardim de infância; desta maneira, os jovens começariam a visualizar seu próprio papel e a função na sociedade em que vivem.

Visto o trabalho como uma extensão da escola, de acordo com os dizeres de um dos entrevistados, considera-se que as regras do jogo que são absorvidas por meio das brincadeiras, ou mesmo durante as aulas, fixam o padrão para as leis da sociedade.

Segundo Bourdieu e Passeron (1992, p. 82-83),

Particularmente manifesta nos primeiros anos de escolaridade em que a compreensão e o manejo da língua constituem o alvo de atenção principal no julgamento dos mestres, a influência do capital lingüístico não cessa nunca de se exercer: o estilo permanece sempre levado em conta, implícita ou explicitamente, em todos os níveis do ensino médio e, ainda que em graus diversos, em todas as carreiras universitárias, mesmo científicas. Mais do que isso, a língua não é apenas um instrumento de comunicação, mas ela fornece, além de um vocabulário mais ou menos rico, um sistema de categorias mais ou menos complexo, de sorte que a aptidão à decifração e à manipulação de estruturas complexas, quer elas sejam lógicas ou estéticas, depende em certa parte da complexidade da língua transmitida pela família.

Há, aqui, uma tendência que se pode apontar para ocorrência dessa situação, ou seja, se o agente (aluno) aprende o que lhe é repassado na escola, isto é, o manejo da língua, o capital lingüístico da família nunca pára de exercer influência. A língua não seria apenas um elemento de comunicação, mas fornece ao interlocutor todo um sistema de estruturas internalizadas desde a infância. O fato de ter dificuldades em se expressar poderia dificultar o aprender a ler e a escrever; penetrando na própria conscientização de suas atitudes e aspirações da sociedade.

Como então, se relaciona a trajetória escolar não-linear do jovem empreendida no sistema educacional? Para Durkheim (1978), a importância do processo educacional se baseia no fato de que a escola tem como função principal a transmissão da cultura. Ainda para o mesmo autor, a educação se apóia na concepção do homem e da sociedade, e o processo educativo emerge da família, da igreja, da escola e da comunidade.

Partindo da concepção de Durkheim (1978), a criança necessita ser preparada para sua vida na sociedade. Esse processo é realizado pela família, mas que também tem a interferência da escola. Dessa forma, percebe-se a ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações jovens e que ainda não estão preparadas para a vida social. Segundo Durkheim (1978, p. 44), o objetivo desta ação “[...] é desenvolver determinados números de estados morais, físicos e mentais, a fim de adequar-se à sociedade política e ao meio no qual a criança está inserida”.

Durkheim (1978) vê a educação como um fato social que permite a integração dos agentes no sistema social. Para o autor, os conteúdos da educação são independentes das vontades individuais, pois são as normas e os valores desenvolvidos por uma sociedade. O mesmo autor afirma que “A autoridade dos professores deve ser adotada a fim de ensinar a criança a ter domínio sobre si mesma” (DURKHEIM, 1978,

p. 47), bem como se fundamenta na importância da educação infantil para a inculcação das normas sociais, sendo

[...] a educação um processo de transmissão cultural através dos valores, das normas, e das representações a fim de reproduzir o sistema social em que se está inserido, a fim de fixar desde de cedo na criança as semelhanças essenciais que a vida em comunidade nos impõe. (DURKHEIM, 1978, p. 52)

A função do processo educacional é a transmissão cultural e, dessa forma, o sistema escolar reproduz, na esfera social, os diferentes capitais culturais.

Para Bourdieu e Passeron (1992, p. 218),

Na realidade devido ao fato de que elas correspondem a interesses materiais e simbólicos de grupos ou classes diferentemente situadas nas relações de força, esses agentes pedagógicos tendem sempre a reproduzir a estrutura de distribuição do capital cultural entre esses grupos ou classes, contribuindo do mesmo modo para a reprodução da estrutura social, com efeito, as leis do mercado em que se forma o valor econômico ou simbólico, isto é, o valor enquanto capital cultural, dos arbítrios culturais reproduzidos pelas diferentes ações pedagógicas (indivíduos educados), constituem um dos mecanismos mais o menos determinantes segundo os tipos de formação social definida como reprodução das relações de força entre as classes sociais.

A localização e a explicitação desses princípios podem ajudar a identificar os mecanismos que operam de maneira discreta e implícita na constituição das trajetórias escolares não-lineares. Pode, ainda, ajudar a identificar as trajetórias simbólicas que permitem a cada jovem, na vida cotidiana, percorrer a sua própria trajetória escolar.

Responder aos imperativos do mercado de trabalho é tão importante na sociedade contemporânea como respirar ou alimentar-se. O jovem é impelido a atender a esses imperativos, visto que a sociedade e a própria família o impulsionam à entrada no mundo do trabalho. Para ir em direção a esta impulsão social, é necessário lembrar o que Bourdieu (1997) relata, ou seja, a ideologia espontânea do capitalismo, a qual alerta sobre um arbitrário cultural que está empregado no campo de atuação desses jovens.

A dominação social do capitalismo faz com que a “força de trabalho” seja aceita, pois ele percebe a venda desta força de trabalho pelos pais, ou seja, quem trabalha se sente útil e tem um sentido para a sua vida.

Nesta análise, a noção de *habitus* permite salientar todo o arsenal de disposições culturais e institucionais que se inscrevem na personalidade e que se expressam nas escolhas valorativas para sua vida a partir de sua econômica. Para Nogueira; Romanelli e Zago (2000, p. 11), a “[...] transmissão dos capitais familiares

requer condições adequadas e um trabalho de apropriação por parte do herdeiro, sem o que a cadeia da transmissão corre o risco de ser rompida”.

À medida que o sociólogo desmistifica os processos das trajetórias escolares não-lineares, cria oportunidades para que sejam encontrados os mecanismos por meio dos quais esses processos não-lineares podem ser minimizados, permitindo que os jovens entendam os mecanismos de exclusão.

A escola e a família não são as únicas instituições interligadas na inserção do adolescente ao mercado de trabalho, mas têm que serem pensadas, constituídas e constituintes das relações sociais, como revela Frigotto (*apud* AUED, 2005, p. 11).

Neste início de terceiro milênio, a sociedade traz ao jovem uma série de interrogações, cabendo à escola, neste novo contexto, trabalhar com outros elementos, além dos tradicionais, pois o jovem de hoje, além de viver num outro universo e ter novas expectativas, precisa fugir da exclusão social. Contudo, não só os educadores, mas também os pais, enfrentam o desafio de contribuir com os jovens para que se adaptem ao momento social em que estão inseridos. Este desafio pode ser vencido pelo cultivo do hábito do diálogo no qual estejam propostos o pensar a resolução de situações e a frequência em momentos culturais.

A educação somente por meio da escola não é mais suficiente para garantir ao jovem o sucesso na trajetória escolar. Entretanto, oferece uma possibilidade a mais, um quesito que será avaliado em sua iniciação no mercado de trabalho e melhores opções que a marginalidade. Os lugares ou as ocupações que os jovens estão aceitando apontam para o agravamento da situação de marginalização e de desnivelamento social, que são resultantes de uma inadequação ao mercado de trabalho. Isso significa compreender que o que está em discussão é a importância ou não da trajetória ser linear, em que o poder perpassou as várias séries escolares, pois são reconhecidas como o lugar onde se aprendem as regras do mundo social. A escola teria seu papel legitimado de fazer com que o aluno se reconheça como membro de uma classe na expectativa de se inserir no mundo do trabalho.

Considera-se que a discussão proposta nesta pesquisa sobre a inserção dos jovens no mercado de trabalho deveria ganhar espaço nos debates em todo o Brasil, pois a preocupação com a reformulação nos sistemas educacionais se faz necessária, com a introdução do currículo de matérias que facilitem ao adolescente conhecer sua aptidão e com a modernização dos equipamentos na área da informática.

Apresenta-se como cada vez mais fundamental a solidificação das estruturas

que permitam ao jovem acessar a escola, por meio da distribuição da renda, de melhores condições educacionais e de um crescimento econômico distribuído de forma igualitária em todas as camadas sociais.

Espera-se que se tenha transmitido ao leitor que a complexidade da importância da aceitação da escola está na realidade social, visto que, por todas as razões mencionadas, se deve ir além do senso comum, bem como que é real e, por analogia estrutural e funcional, que, entre o campo escolar e o campo empresarial existe a complementação de ambos.

As observações feitas permitem afirmar que o trabalho está se modificando e que se está diante de um processo de inserção ao trabalho que exige o retorno aos determinantes econômicos, escolares e sociais das inúmeras inferências à liberdade dos jovens. Essas mudanças no campo do trabalho exigem que a escola também se modifique, ou seja, o trabalho intelectual está adquirindo novos contornos, o que obriga a escola a assumir outro papel que não seja mais o de mera repassadora de informações que, inclusive, já estão disponíveis nos meios eletrônicos de comunicação e informação.

A sociedade nutre uma imagem de que existem as mesmas oportunidades para todos os jovens, mas isto não corresponde à realidade. Essa sensação gera o efeito de que eles se sentem fracassados e com a perda da auto-estima, e excluídos socialmente. Boneti (2003, p. 28) explica que o termo exclusão significa “mais do que separar, segregar, discriminar grupos sociais por determinadas características inatas ou desenvolvidas.” Para o autor, excluir tem o significado de expulsar do mundo dominante, de literalmente

colocar para fora dos parâmetros e das normas que regem as relações sociais; não apenas marginalizar e sim desconsiderar a existência humana. Excluir significa criar e perpetuar condições sociais que tornam permanente o ato de morrer. (BONETI, 2003, p. 28).

Sugere-se que os empresários assumam compromissos e responsabilidades em uma nova dimensão, que vão muito além do enfoque puramente financeiro, agregando novos valores empresariais e empreendedores, que considerem a vida social e a conduta ética da empresa, apoiando a implementação das políticas públicas.

Conclui-se chamando a atenção para a necessidade de uma revalorização epistemológica do espaço escolar, de sua natureza e de suas transformações por meio das experiências educativas e seus movimentos sociais, a fim de que o jovem conheça a origem social de seu sofrimento de não conseguir adentrar o mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS

- AUED, B. W. (org.). **Traços do trabalho coletivo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
- BONETI, L. W. **Educação, exclusão e cidadania**. Ijuí, SP: Editora Unijuí, 2003.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertand, 2006.
- _____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- _____. **A miséria do mundo**. 5 ed. São Paulo: Vozes, 1997.
- _____. **A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: EDUSP, 1996.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. São Paulo: F. Alves, 1992.
- DURKHEIM, E. **Educação e sociologia**. 11. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- ENGUITA, M. F. **A face oculta da escola**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- NOGUEIRA, M. A. **Bourdieu e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. **Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- POCHMANN, M. **A batalha pelo primeiro emprego: as perspectivas e a situação atual do jovem no mercado de trabalho brasileiro**. São Paulo: Publisher Brasil, 2000.